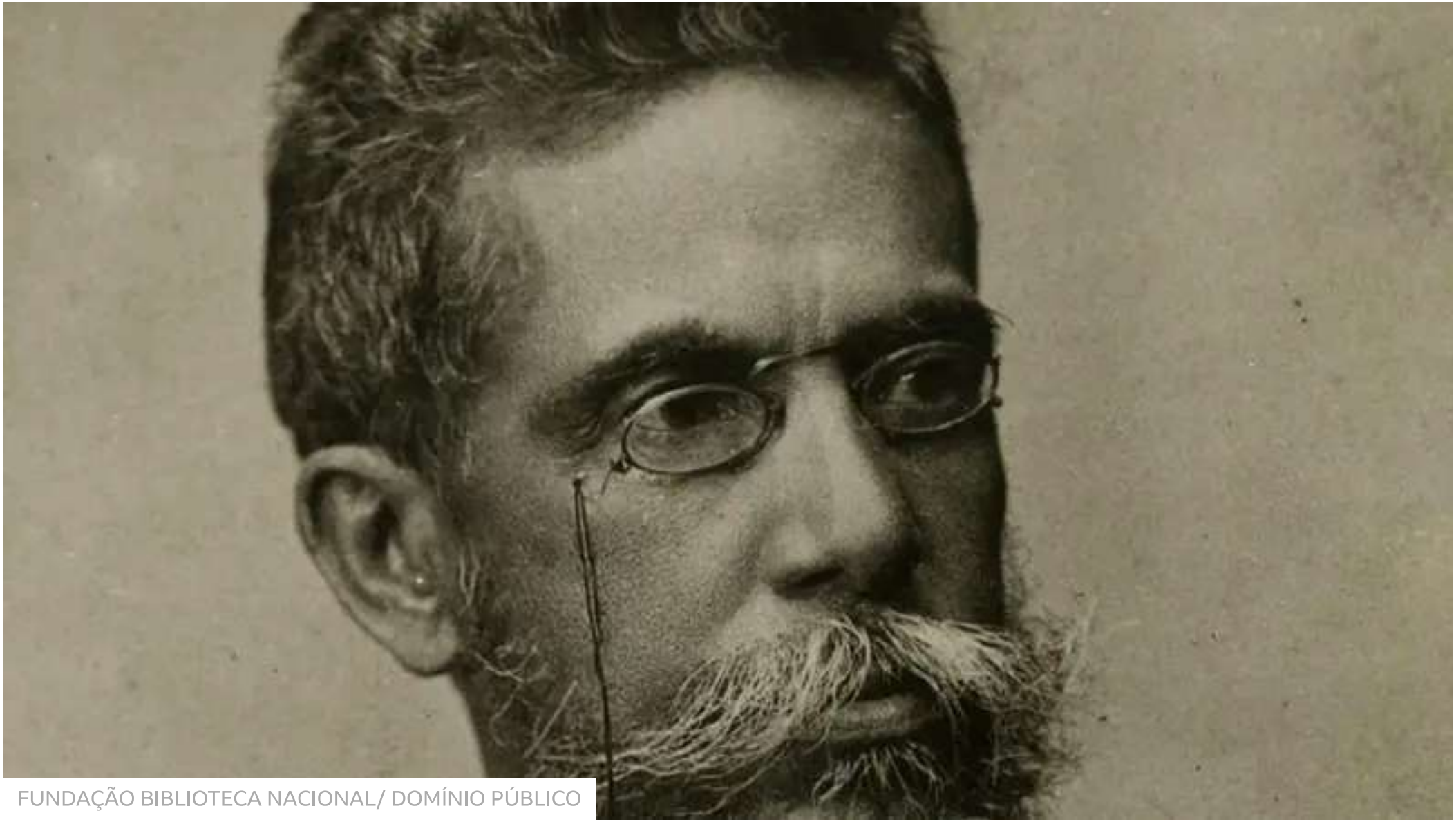
O que a negritude de Machado de Assis diz sobre como Brasil lida com racismo



FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL/ DOMÍNIO PÚBLICO

Retrato de Machado de Assis quando ele tinha 57 anos

Edison Veiga

De Bled (Eslovênia) para a BBC News Brasil

28 setembro 2023
Atualizado 19 novembro 2024

No Dia da Consciência Negra, a figura de Machado de Assis, um dos maiores ícones da literatura brasileira, é um lembrete das contradições do racismo no Brasil.

Negro e criado em meio à profunda desigualdade social do século XIX, Machado alcançou um espaço majoritariamente branco, mas sua identidade racial foi muitas vezes silenciada ou minimizada pela história oficial.

Assinada pelo escrivão Olympio da Silva Pereira, a certidão de óbito de Joaquim Maria Machado de Assis, morto aos 69 anos em 29 de setembro de 1908, há 115 anos, traz uma informação curiosa, senão polêmica: a nona linha do formulário declara que sua cor era "branca".

Sobretudo nos últimos anos, a questão racial daquele que é considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos tem se tornado uma bandeira importante para a afirmação e a valorização da população negra.

Mas o que pesquisadores contemporâneos têm descoberto é que, considerando documentos como a própria certidão de óbito e cartas antigas, a identidade racial de Machado de Assis é um assunto polêmico desde antes da morte dele.

Matérias recomendadas

Ruth Rocha, de 'Marcelo, Marmelo, Martelo', fecha contrato até 108 anos: 'Não aguento fazer muita coisa, mas gosto muito de escrever'

Por que Iemanjá, orixá de origem africana, virou 'mulher branca' no Brasil

Os mestres que levaram capoeira ao mundo, mas lutam por valorização no Brasil

'Quer dialogar sobre o racismo? Leia uma mulher negra', diz finalista do Jabuti

O que leva a uma questão importante: como o próprio Machado de Assis se identificava?

"Nós não sabemos até o momento. Não há nenhum documento que tenha chegado até nós que traga essa informação, como o próprio Machado se identificava, como ele se via. Temos depoimentos só de terceiros", afirma à BBC News Brasil a historiadora Raquel Machado Gonçalves Campos, professora na Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisadora sobre a vida e a obra do escritor.

Um dos documentos citados por ela é a carta enviada pelo poeta português Gonçalves Crespo (1846-1883) a Machado, com data de 6 de junho de 1871.

"A Vossa Ex., já eu conhecia de nome há bastante tempo. De nome e por uma certa simpatia que para si me levou quando me disseram que era… de cor como eu", diz trecho da correspondência.

Não se sabe como o escritor brasileiro reagiu ao ler a missiva, tampouco se conhece qualquer resposta que ele tenha eventualmente redigido de volta ao português. A professora Campos pontua que a expressão "de cor" era a mais aceita naquele momento histórico para descrever pessoas negras.

"[O relevante é que] Machado é visto como um homem 'de cor' por um escritor de seu próprio tempo", salienta ela.

Pesquisadora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a historiador Cristiane Garcia traz outro elemento que pode indicar que o escritor, em vida, se via como negro.

Novo podcast investigativo: A Raposa

Uma tonelada de cocaína, três brasileiros inocentes e a busca por um suspeito inglês

Episódios

"Eu pesquiso Machado de Assis quando jovem. Entre o final de 1854 e início de 1855, Machado de Assis passou a frequentar a tipografia de Francisco de Paula Brito, tipógrafo, editor e homem de letras, negro como Machado", conta ela, à BBC News Brasil.

"A tipografia de Paula Brito foi a responsável pela imprensa negra de meados do século XIX, no Brasil. Não só isso: ali se organizava uma rede de homens negros que se ajudavam e protegiam, pelo menos até os primeiros anos da década de 1860", aponta.

"E a condição de ser homem negro na sociedade da época é uma questão presente na produção deles, em alguns jornais que saíam da tipografia do Paula Brito, no posicionamento político, entre tantos outros aspectos presentes na trajetória desses homens. Machado de Assis foi um aprendiz desse grupo, cresceu muito com eles. Paula Brito o apresentou para uma rede de sociabilidade que possibilitou a abertura de novos caminhos profissionais para o jovem Machado de Assis."

Pesquisador independente que já descobriu vários textos inéditos do escritor, o publicitário Felipe Rissato também afirma à reportagem que "não existe uma declaração de Machado de Assis acerca da cor de sua pele".

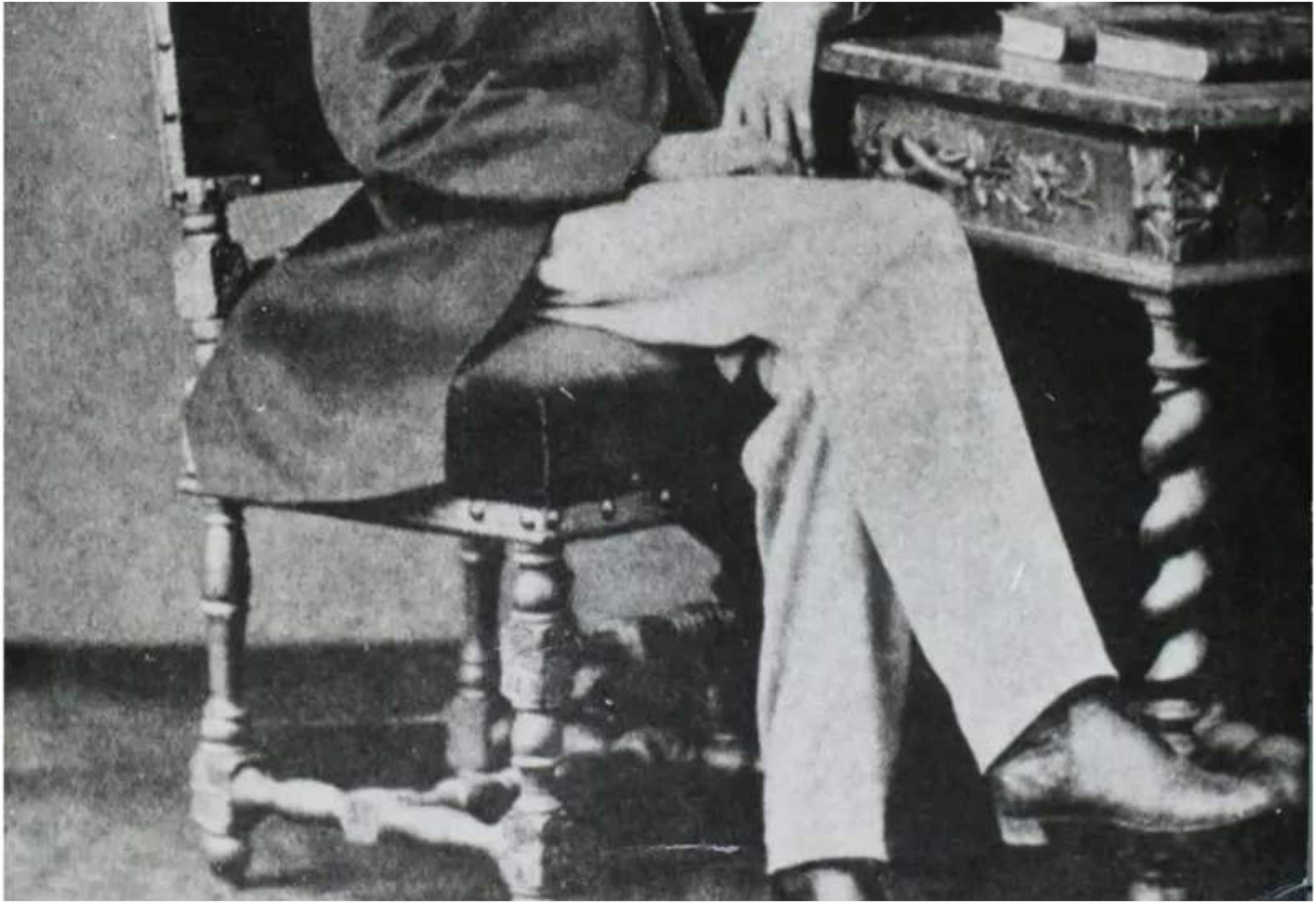
"Quando fez seu testamento de próprio punho, em 1906, poderia ter incluído esse dado. Não que fosse obrigatório. E nada mencionou", pontua ele.

"Fato é que Machado de Assis era mulato, filho de pai pardo, alforriado, e mãe branca."

Um mês após a morte do escritor, o jornalista e escritor José Veríssimo (1857-1916) publicou um obituário sobre o amigo no Jornal do Commercio, texto este intitulado 'Machado de Assis: impressões e

reminiscências'.

ARQUIVO NACIONAL



ARQUIVO NACIONAL/ DOMÍNIO PÚBLICO

Machado de Assis aos 25 anos

Nele consta a seguinte frase: "mulato, foi de fato um grego da melhor época".

O texto provocou reação em outro amigo de Machado, o jornalista, historiador e político Joaquim Nabuco (1849-1910).

"Ele escreveu uma carta ao Veríssimo elogiando o obituário, mas dizendo que ele, Veríssimo, deveria retirar este trecho para o caso de uma futura publicação em livro do texto", comenta Campos.

"Eu não o teria chamado mulato e penso que nada lhe doeria mais do que essa síntese", anotou Nabuco.

"Rogo-lhe que tire isso, quando reduzir os artigos a páginas permanentes. A palavra não é literária e é pejorativa. O Machado para mim era branco, e creio que por tal se tomava: quando houvesse sangue estranho, isso em nada afetava sua perfeita caracterização caucásica. Eu pelo menos só vi nele o grego."

Há outro registro contemporâneo a Machado sobre como os outros o viam. Trata-se do livro 'Machado de Assis: Estudo comparativo de literatura brasileira', publicado em 1897 pelo crítico Sylvio Romero (1851-1914).

Na obra, o autor afirma que Machado de Assis é "um genuíno representante da sub-raça brasileira cruzada,

por mais que pareça estranho tocar neste ponto".

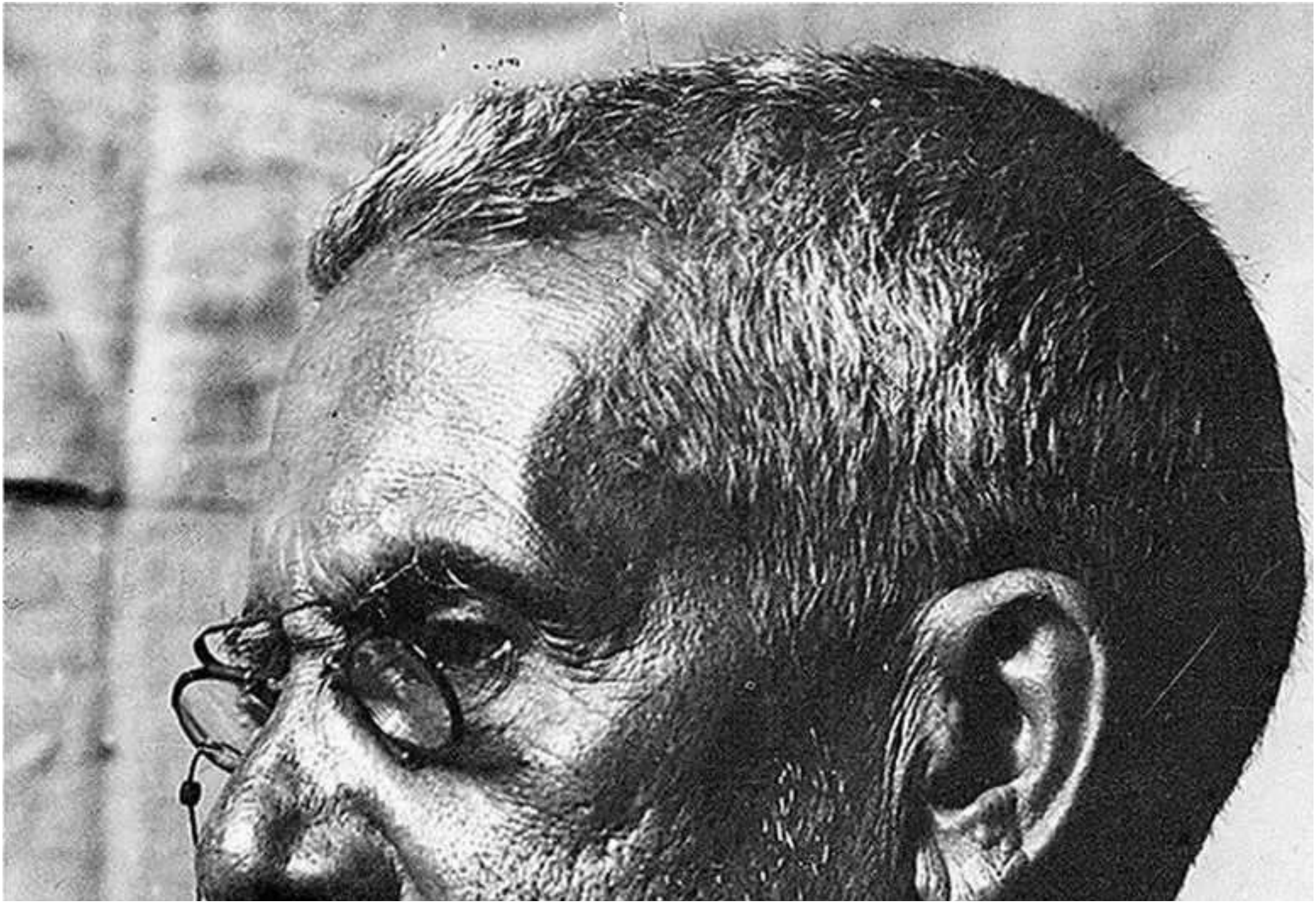
"Mas a crítica não existe para ser agradável aos preconceitos dos homens, que devem ter ânimo bastante para libertar-se de infundados prejuízos", prossegue Romero.

"Sim, Machado de Assis é um brasileiro em regra, um nítido exemplar dessa sub-raça americana que constitui o tipo diferencial de nossa etnografia, e sua obra inteira não desmente a sua fisiologia [...]. Com certeza não o molesto, falando assim; e não pode ser por outro modo."

Para Campos, "dentro da perspectiva racista de Sylvio Romero, ele ataca e diminui o Machado de Assis, qualificando-o como mestiço [com a expressão 'sub-raça brasileira']".

Filho de um descendente de escravos alforriados, Francisco José de Assis, e de uma lavadeira portuguesa oriunda dos Açores, Maria Leopoldina Machado da Câmara, o escritor foi fotografado algumas vezes — mas a baixa qualidade das imagens e o fato de serem em preto e branco, dadas as limitações técnicas da época, ainda hoje suscitam debates sobre qual seria a real cor de sua pele.

Biografias



ARQUIVO NACIONAL/ DOMÍNIO PÚBLICO

Machado de Assis em 1904

Em artigo publicado nos anais do VI Seminário do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, de agosto de 2020, Raquel Campos analisou a "cor e a identidade racial" nas biografias escritas sobre Machado

de Assis.

Compilado de conferências proferidas entre 1915 e 1917, 'Machado de Assis', do advogado, jornalista e crítico Alfredo Pujol (1865-1930) traz apenas duas menções raciais sobre o escritor. Logo no início, ele pontua que seu biografado era filho de "um casal de gente de cor".

Em seguida, quando ele descreve os primeiros anos de sua carreira de colaborador de jornal, enfatiza sua convivência com "as agruras criadas pela inferioridade de seu nascimento, pelos preconceitos de cor, pela sua grande pobreza".

Até hoje considerada a mais influente biografia de Machado, a obra de Lúcia Miguel Pereira (1901-1959), 'Machado de Assis: estudo crítico e biográfico', de 1936, insiste bastante no aspecto racial do escritor. Segundo a análise de Campos, ela prefere chamá-lo de "mulatinho" mas também usa os termos "mestiço" e "pardinho".

A ideia de Pereira era abordar Machado como alguém que nasceu com três grandes dificuldades — a pobreza, a cor e a epilepsia, da qual sofria — e, mesmo assim, ao superar essas questões, conseguiu vencer e se tornar o maior da literatura brasileira.

Na conversa com a reportagem, a professora Campos ressaltou que essa biografia tem muitas informações contestadas, mas que ali está dito que Machado "não gostava de referências à sua cor"e "que nunca utilizava a palavra mulato".

Em 'A Vida de Machado de Assis', de 1965, o escritor e advogado Luiz Viana Filho (1908-1990) pouco se

refere à cor e à identidade racial de Machado, embora recupere a ideia de que ele era "como um grego".

Mas há um ponto curioso trazido por esta obra: uma análise do ensaísta e jornalista Peregrino Júnior (1898-1983) que aborda o "embranquecimento" de Machado.

Viana Filho vê com naturalidade que o escritor, "uma flor da civilização", houvesse optado por uma imagem mais caucasiana para ilustrar seu livro 'Poesias Completas', de 1901.

Para o biógrafo, o "tempo depurou a fisionomia de Machado, fazendo-o perder gradativamente os traços do mestiço" e "ao fim da vida dificilmente se dirá não ser um ariano".

Em 'Vida e Obra de Machado de Assis', de 1981, o jornalista e teatrólogo Raymundo Magalhães Júnior (1907-1981) classifica o escritor como "amulatado" e diz que, quando havia ficado noiva dele, Carolina Xavier de Novais (1835-1904) teria afirmado que iria se casar com "um homem de cor".

O professor de literatura francês Jean-Michel Massa (1930-2012), em 'A Juventude de Machado de Assis', de 1971, traz um subcapítulo chamado "J. M. Machado de Assis, um mestiço", no qual afirma que ele “é, parece, mestiço”. Mas também pontua que "como muitos brasileiros, não é nem um homem de cor, nem, *strictu sensu*, um homem branco".

'Machado de Assis, Um Gênio Brasileiro', livro de 2005 escrito pelo jornalista Daniel Piza (1970-2011) foi a última das biografias contempladas pela professora Campos em seu artigo.

Ela ressalta que, nele, "são esparsas as alusões à cor de Machado de Assis, que é referido sempre, nessas

ocasiões, como mulato".

"Lendo as biografias com os olhos do presente, chama a atenção a ausência de classificações de Machado de Assis como 'negro'", pontua a pesquisadora.

"Apesar da origem humilde, desde muito cedo Machado teve o acolhimento das pessoas certas para ter a formação autodidata que teve, aprendendo línguas, como o francês, e humanidades, fora dos cursos convencionais. Bem quisto no trabalho como funcionário público, bem como literato, embora não fosse uma unanimidade, Machado adquiriu o status que não se permitia a um homem negro, salvo raras exceções, daí a busca para se começar a entender a incógnita de seu embranquecimento", comenta o pesquisador Rissato.

"Curioso é que tendo acesso às suas fotografias originais, vemos claramente os seus traços de homem mulato, o que deixa ainda mais inexplicável a cor 'branca' indicada em seu atestado de óbito".

Compreensões da identidade racial

MARC FERREZ/ DOMÍNIO PÚBLICO

Machado de Assis, em foto feita por Marc Ferrez em 1890

À reportagem, Campos comenta que "não sabemos se Machado se considerava negro mas, mais provavelmente no universo da especulação, considerando os testemunhos que temos, se ele se identificava racialmente provavelmente os termos que ele lidaria seriam 'homem de cor' ou 'mulato', não ‘negro'".

Ela lembra que, parte de seus próprios estudos, é preciso compreender a maneira como as identidades raciais foram entendidas no Brasil do século 19 e ao longo do século 20.

"Há uma discussão que atravessa pela questão cultural, o conceito antropológico de cultura que enfatiza muito a singularidade do Brasil como uma nação mestiça", afirma.

"Sabemos que no século 19 e no 20, essa mestiçagem era entendida como fator de inferioridade, obstáculo ao desenvolvimento nacional. Isso explica o caráter racial das políticas de imigração financiadas pelo Estado brasileiro, que selecionaram as populações alvo considerando um ideal de embranquecimento da população nacional."

Nesse contexto, o embranquecimento do maior escritor brasileiro parecia fazer sentido.

"A partir da década de 1930, o Machado de Assis começa a ser visto como mestiço, e aí o grande escritor nacional correspondia justamente a um exemplo da identidade nacional mestiça. Machado de Assis passou então a ser tratado fortemente como mulato", acrescenta a professora.

Assim, ao longo de boa parte do século 20 no Brasil, tratá-lo como mestiço ou mulato parecia ser a maneira entendida como correta.

"Havia esse ideal de democracia racial brasileira, uma construção criada, na verdade, para impedir o combate ao racismo estrutural", afirma Campos.

É como se o Machado pudesse se assumir negro apenas em suas memórias póstumas, a bem da verdade. E isto tem tudo a ver com a ascensão do movimento negro. É por isso que, observa ela, o escritor aparece como negro justamente quando é "descoberto" pelos Estados Unidos, já nos anos 1960.

"Nessa época, Magalhães Júnior começa a recusar tal classificação. Para o crítico, o escritor brasileiro poderia ser considerado negro 'do ponto de vista americano'. Já 'segundo os nossos padrões', seria mulato", contextualiza a professora.

Para a especialista, é inegável que, sim, "houve um processo de embranquecimento de Machado" e isso está nítida na própria certidão de óbito, onde "fica explícito o apagamento da cor". Mas esse percurso não pode ser achatado em uma linha reta. É permeado de complexidades culturais e sociais. "Uma questão controversa", resume.

No meio desse então incipiente debate, a obra 'Machado de Assis e o Hipopótamo', de 1960, é interessante.

Ali, o jornalista e historiador Gondin da Fonseca (1899-1977) considera que levantar a questão da identidade racial de Machado é que seria uma conduta racista.

"Ele recupera essa perspectiva da democracia racial, dizendo que no Brasil todo mundo tem um pouco de sangue negro, todo mundo é mestiço, então não daria para falar que alguns são brancos, outros são negros", diz Campos.

O apagamento da cor de Machado de Assis, então, também pode ter obedecido a essa perspectiva anacrônica de racismo.

Hoje

Se para o mercado literário norte-americano, Machado de Assis é visto como um escritor negro desde os anos 1960, no Brasil essa perspectiva é mais recente. Somente nos últimos anos, por exemplo, livros escolares passaram a defini-lo assim e as próprias fotografias dele passaram a ser restauradas de forma a enfatizar mais nitidamente aspectos afrodescendentes.

Além de reparar a história, tais esforços também ecoam políticas afirmativas requisitadas pelo menos desde o fim dos anos 1970 pelo movimento negro no Brasil. Em 2021, a Universidade Zumbi dos Palmares lançou a campanha Machado de Assis Real, um abaixo-assinado para que as editoras deixem de imprimir e comercializar livros em que o escritor apareça embranquecido.

Reitor da universidade, o advogado e educador José Vicente diz à BBC News Brasil que a campanha foi realizada porque "a cada momento em que somos surpreendidos por mais um dos efeitos nocivos do racismo, que tenta apagar nossas existências, nossa história, entendemos e reafirmamos nossa missão e temos que agir".

Para ele, o embranquecimento de Machado torna "perceptível o reflexo de como o brasileiro enxerga as pessoas negras no país, sempre as colocando em posições subordinadas e lhes tirando os próprios feitos".

"A publicidade tem uma enorme responsabilidade com a construção do imaginário e ao reforçar estereótipos, ao embranquecer um personagem tão icônico do protagonismo negro na literatura temos a dimensão de quão doente está nossa sociedade. Não havia a possibilidade de nos silenciarmos. Como uma instituição educacional a Zumbi dos Palmares liderou ações com o viés de reparação, educação e conhecimento", acrescenta.

"Desde o período pós-abolição não têm sido poucas as iniciativas para o embranquecimento da população negra. O processo de branqueamento pelo qual Machado de Assis veio passando diz respeito ao imaginário social que o povo brasileiro construiu em relação à população negra, que é vista como inferior e incapaz."

O manifesto divulgado pela campanha sentenciava: "Machado de Assis era um homem negro. O racismo o retratou como branco".

Em 2011, a Caixa Econômica Federal envolveu-se em uma polêmica ao divulgar um comercial exaltando o fato — verdadeiro — de que Machado de Assis mantinha uma caderneta de poupança no banco. O vídeo foi ao ar com uma gafe: o ator que representava o escritor era branco. A campanha foi retirada do ar, o banco desculpou-se publicamente; no ano seguinte, o mesmo material, reeditado e desta vez com um Machado de Assis negro, voltou a ser exibido.

Machado de Assis também consta em verbete da 'Enciclopédia Negra', livro de 2021 de Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz.

E vem sendo retratado assim não só em apostilas escolares, mas também em eventos públicos, como a exposição aberta no ano passado no Engenho Massangana, no Recife, que trouxe retratos de Jeff Alan de

personalidades negras brasileiras, com destaque para Machado.

Campos nota que há uma mudança na abordagem. Antes, quando se falava em intelectuais negros do século 19, Machado não costumava constar no rol que agrupava nomes como André Rebouças (1838-1898), Luiz Gama (1830-1882) e José do Patrocínio (1853-1905).

"Até recentemente ele não ocupava esse lugar. Agora, sim", pontua ela. "No Brasil de hoje, ele é, sim, um escritor negro."

A professora Campos lembra que, "enquanto historiadora" que se debruça sobre as questões de cor em Machado, sua função "não é arbitrar essa questão", mas sim mostrar como há uma historicidade nessa construção. Machado de Assis ora visto como branco, como grego. Machado de Assis de cor. Machado de Assis mulato, mestiço. Machado de Assis negro.

"Há uma expressão que diz que Machado de Assis é um escritor que nos lê. Por meio dele podemos pensar uma série de questões que dizem respeito à história do Brasil, inclusive a complexidade de nossa questão racial, marcada por uma população que conheceu e conhece a miscigenação", pontua ela.

"Também compreendemos um pouco da história da luta antirracista, da discriminação racial. Tudo por meio da identidade racial de Machado de Assis", acrescenta.

"A reivindicação de Machado de Assis como negro é muito recente. E, insisto, do meu ponto de vista ela se explica por uma modificação do que é o próprio debate sobre raça, racismo, mestiçagem e identidade nacional. Isto levou a uma problematização dessa categoria de mulato em consonância ao mito da

democracia racial", afirma Campos. "E levou a uma modificação da compreensão da identidade racial de Machado de Assis."

A questão, portanto, é mais complicada ainda do que saber se Capitu traiu ou não Bentinho. Estas são as memórias póstumas de Machado de Assis. E não parecem haver vencedores para ficar com as batatas.

Reportagem publicada originalmente em 28 de setembro de 2023.

Tópicos relacionados

Cultura História Livros Brasil

Principais notícias

Putin diz aceitar cessar-fogo mas quer discutir termos com 'EUA e parceiros'

Há 13 minutos

Frei Gilson: quem é o sacerdote anticomunista criticado pela esquerda e abraçado pelo bolsonarismo

Há 7 horas

Confisco da poupança por Collor: a estratégia desesperada e fracassada para combater a inflação

Há 1 hora

Leia mais

Trump é como um caudilho latino-americano, é menos limitado por preocupações morais, diz Joseph Nye

12 março 2025

Declaração do Imposto de Renda começa na próxima semana: quem precisa fazer, qual é o prazo e outras regras

12 março 2025

Alerta severo da Defesa Civil: o que é um local seguro para se proteger em caso de tempestade?

12 março 2025

É seguro voar de avião durante tempestades?

12 março 2025

Consignado CLT: as regras do novo tipo de crédito lançado pelo governo Lula

12 março 2025

A surpreendente vitória da oposição na Groenlândia em eleição marcada por ameaças de Trump e independência

12 março 2025

Proibição de laqueadura e vasectomia em jovens: o que está em jogo no julgamento do STF

12 março 2025

'A China considera Putin um fanático obsessivo, mas o quer no poder'

11 março 2025

O que está em jogo em julgamento sobre a morte de Maradona: 'Eles mataram Diego'

Há 7 horas

Mais lidas

1 O pequeno vilarejo da Dinamarca transformado pelo Ozempic

6 A 'corrida armamentista' da Europa para declarar 'independência' dos EUA e fazer frente à Rússia

2 Frei Gilson: quem é o sacerdote anticomunista criticado pela esquerda e abraçado pelo bolsonarismo

3 A estrada construída para a COP30 em Belém que vai desmatar a Amazônia

4 Confisco da poupança por Collor: a estratégia desesperada e fracassada para combater a inflação

5 Por que torcidas organizadas de times de futebol se uniram a aposentados em protesto contra Milei

7 Eclipse Lunar: como ver fenômeno que acontece esta semana

8 As chocantes descobertas em local de 'recrutamento e extermínio' de cartel do México

9 Declaração do Imposto de Renda começa na próxima semana: quem precisa fazer, qual é o prazo e outras regras

10 Por que agricultores dos EUA estão usando xixi em suas plantações

Por que você pode confiar na BBC

Termos de Uso | Cookies | Do not share or sell my info

Sobre a BBC | Contate a BBC

Política de privacidade | BBC News em outras línguas

© 2025 BBC. A BBC não se responsabiliza pelo conteúdo de sites externos. **Leia sobre nossa política em relação a links externos.**